OS CORONÉIS DE SANTA QUITÉRIA

A pequena Santa Quitéria é a cidade dos Pinto de Mesquita, no alto sertão norte do Ceará.

Quem a viu, uma noite, adormecida
à luz mortiça dos seus postes, ou sob um claro luar, não esquecerá jamais.

Cheia de graça e leveza dorme, cada noite, ao longo do tabuleiro, a cidadezinha fundada pelo grande clã sertanejo.

Costruíram-na ali, os Pinto de Mesquita, desejosos de fixar naquele ardente trecho cearense, ao curso dos tempos, a sede da família, assegurando se a perpetuação do nome, que ainda hoje se repete intensamente no seio da sociedade local, toda ela constituída de descendentes do Sargento Mor João Pinto de Mesquita, o velho Abraão do jacurutu.

Fundou-a um dos seus filhos, o capitão João de Mesquita Pinto nas terras da antiga fazenda Cascavel.

Erigiu-a um dos seus filos, como era costume no tempo, pequena capela que depois ampliou com o auxílio do seu irmão, o Capitão Mor Antônio Pinto de Mesquita, e do genro deste, o Coronel Vicente Alves da Fonseca.

E, desde então, desde aquele recuado tempo, Santa Quitéria foi sempre dominada e governada pelos Pinto de Mesquita, que nela subsistem, que nela se reproduzem, na cidade,nas fazendas, nos povoados do município, ora com sobrenomes diferentes como Catunda, Pompeu e Magalhães,ora, e com a maior freqüência, com o velho sobrenome originário do Minho.

Nessa pequena cidade, desconhecida do resto do País, em quase todos os lares há realmente um Pinto de Mesquita : quando não o é, o chefe de família, a esposa, ou inversamente, pertence ao velho grupo familial.

E, na maioria dos casos, não fazem exceção os casais – são todos da mesma origem peninsular do fundador do clã, cuja prole se vai reproduzindo endogâmicamente no contínuo prolongamento do traço consangüíneo.

Vão assim realizando, através do processo agregativo e ininterrupto da comunidade parental, o sonho dos fundadores da cidade, que a desejavam destinada a perpetua lhes o nome e a tradição.

Santa Quitéria sempre foi, como dissemos, um domínio, um feudo dos Pinto de Mesquita . estes,numerosos e influentes embora, mantiveram se, pelo tempo fora, ordeiros e pacíficos. A cidadezinha, familiar e endogamia, não registra, na sua história, as façanhas os dramas sangrentos, tão comuns noutras cidades e municípios sertanejos, de crôncas avermelhada e bulhenta.

O clã, muito cedo, guiado pelo sentimento de pundonor e responsabilidade de seus chefes, adquiriu hábitos de sociabilidade a convivência perfeitas, firmando uma linha de conduta baseada na ordem e no trabalho.

Curioso: essa linha de comportamento social, característica da região, da qual Sobral é a expressão mais legítima, é motivo de pilheira para o resto do Ceará. Quem vai aos Estados Unidos de Sobral – dizem – tem de tirar passaporte e comprar dólares....

Uma única vez tiveram os pinto de Mesquita apelar para as armas.

Fizeram no, assim mesmo, em atitude de defesa, quando a então povoação de Santa Quitéria foi assaltada, em abril de 1825, por um grupo de facínoras, chefiado por Benedito Martins Chaves, de célebre família do Coronel Manoel Martins Chaves, preso pelo governador João Carlos de Oyennheusen e Gravenburg, na época Colonial, e aparentando dos feitosas dos Inhamuns.

Visavam os salteadores, que, antes, já haviam investido contra Vila Nova D’EL Rey (hoje Guaraciaba) e ameaçado a Vila de Sobral, saquear as casas de residência e propriedade do rico Capitão Mor Antônio Pinto de Mesquita e do seu genro, o Coronel Vicente Alves da Fonseca, mas estes, prevenidos em tempo, repeliram, fazendo os recuar numa noitada de nutrido e impetuoso tiroteio, no qual foram mortos dois do grupo assaltante, saindo outros feridos.

O então governador da província do Ceará, José Feliz de Azevedo e Sá, tomando conhecimento da grave ocorrência, oficiou,em 27 de abril de 1825, ao chefe de Polícia, em termos peremptórios:

“Tendo chegado ao meu conhecimento o insulto feito na povoação de Santa Quitéria às autoridades da mesma povoação por Bendito Martins Chaves e outros de seu grupo, a ponto de atacar com armas e fazer fogo contra as pessoas e residências do Capitão Mor do distrito, Antônio Pinto de Mesquita e do Comandante do mesmo distrito, Coronel Vicente Alves da Fonseca, que se tinham armado para se defenderem do premedito insulto de Benedito, não havendo morte alguma felizmente da parte dos pacíficos que se tinham armado para se defender do premedito insulto de Benedito, e sendo antes mortos dois feridos outros, dos agressores, e cumprindo-me como primeiro dever guardar a ordem e tranqüilidade dos povos desta província, pólos ao abrigo de malvados e assassinos de que tanto se acha infestada esta província, já pelo desleixo de alguns comandantes, ordeno a V.S.ª que preste todo auxílio ao sobredito Capitão Mor e Comandante para a capturarão dos bandidos de Benedito e seus companheiros, e lhe recomendo haja de empregar toda a diligência possível para prêndelos e remetêlos com toda segurança para as cadeias desta capital, podendo fazer lhes fogo no caso de que façam a menor resistência, pois a sociedade, bem longe de perder com a aniquilação destes e outros semelhantes, lucra consideravelmente com a restituição da sua tranqüilidade, tão atroz e injustamente roubada. Confio V.S.ª o bom êxito desta diligencia, devendo logo entregálos à justiça para os sumariar, e comunicando ao respectivo juis que exige o bem público a maior prontidão e previdência nosseus sumários, os quais, apenas prontos, devem acompanhar os réus para esta capital.”(Documento da coleção Hugo Catunda)

Passado esse acidente da sua história, retomou Santa Quitéria a sua marcha para o progresso. Lento sem dúvida, como o de todas as velhas cidades sertanejas, mas impulsionado, sempre, pelo trabalho pacífico e a solidariedade parental dos seus habitantes.

Em 1883 já a paisagem urbanística da então vila impressionava o erudito escritor Antônio Bezerra, que, passando por ali, naquele ano, em viagem científica pelo interior da Província, registrava nas páginas do seu livro”Notas de viagem ao norte do Ceará”:

“Assentada sobre a margem ocidental do Rio Jucurutu, numa planíce em forma de ângulo que descreve o rio dêste lado, conta a Vila de santa Quitéria umas cento e vinte casas distribuídas na longa praça em cujo centro se acha a igreja matriz, em três ruas das quais a melhor e mais bem edificada corre à esquerda do tempo em rumo sul e norte, e ainda em outras com largos intervalos em sentido contrário atravessando estas. Um edifício elegante que se vê ao lado oriental da praça, destinado a servir para a camâra Municipal e intendência, está abandonado à falta de m pequeno auxílio dos cofres provinciais.è pena: não há outro melhor em outra parte.(\*)O mercado no extremo sul da rua mais extensa, não está ainda concluído, mas no que se há feito apresenta quartos de frente elevados que prometem, na conlusão um excelente edifício.Perto daqui, levantam se novas casas, pelo que noto a vila se estebnde para este lado. É a primeira localidade quese lembrou de construir, depois da sêcade 1877. A vila apresenta perspectivamente alegre e como sertção o seu território é um dos mais produtivos da província.”

Faltou ao ilustre historiador cientista cearense assinalar o fator que preponderava no progresso renascente da vila plantada num doa mais ricos sertões do criatório.

Refeitos dos revezes da seca, os habitantes de santa Quitéria retomavam o seu destino inelutável: a criação de gado. E daí lhes vinham os recursos abundantes com os quais se adiantavam na rota do progresso. A pecuária foi e será sempre, por um imperativo ecológico, a principal atividade econômica e lucrativa nos largos sertões aberrtos em tabuleitos e recobertos de ricas pastagens, onde, desde a época do povoamento, o colono aclimatou o gado, fundou currais e ajuntou riquezas.

Algumas coisas do passado já não existem em Santa Quitérisa. Deixaram , porém, memória naquela terra.

Os animados bailes do sobrado da Intendência encerrando, com as suas valsas, chotes e quadrilhas, tradicional festa de junho, a mais importante e ruidosa que se celebrava na cidade e que atraíra famílias d melhor sociedade de Sobral e de outras cidades vizinhas.

A banda de música do maestro José ribeiro, com muitas figuras vistosamente fardadas, considerada a melhor da região.

Os leilões à porta do vigário, com os lances elevados do coronel gijoca.

O colégio do Padre Tabosa(nos 1900-1904), o primeiro estabelecimento de ensinosecundpario que se instsalou ao norte do estado, de tanta significação para o tempo e o meio e que nume pequena vila sertaneja, manteve sessenta e TR^çes alinos internos vndo de sobral, Ipu, Crateús, Ipueiras, Tamboril e outras localidades.

Mas de tudo que passou, o que maus se recorda e venera em Santa Quitéria são as figuras austeras de seus coronéis, uma legião de oficiais da guarda Nacional que ali acampou para comandar, não soldados mas vaqueiros.

O pequeno burgo dos Pinto de Mesquita era, na verdade, o quartel general da velha desaparecido guarda nacional no Ceará.

Certo, esses coronéis não comandavam corpos de tropas e aguerrido batalhões.

A patente ornada com a chancela oficial, dava lhes, além de honrarias e privilégios, o timbre da distinção social, e isto era tudo – por que se não tinham comando militar, validamente o exerciam através da ascendência sobre numerosa, os vaqueiros e agregados, e chefiados eleitorais que faziam marchar para as batalhas das urnas, tão acessas e atrtantes como os entreveros de campo.

Irrepreensíveis no comportamento social, os coronéis de Santa Quitéria cultivavam hábitos de urbanidade Lhaneza, e a hospitalidade para eles, patriarcas antigos, era um título de honra.

Por isso, tão logo chegar se a localidade , mesmo em trânsito, qualquer pessoa de consideração social era distinguida com a sua visita e os oferecimntos de sés préstimos, numa correta demonstração de acolhedora cordialidade.

O escritor Antônio Bezerra, já citado, registra, na recepção que logo ao chegar teve em Santa Quitéria , este traço de distinção e obsequiosidade dos mais distintos homens da terra.

Nos dias e nas festas de gala e nas procissões religiosas, os coronéis quiterenses vestiam o seu solene “croisé” de lapelas de sêda e alguns deles ostentavam a sua farda de oficial da guarda Nacional, enfeitada de dragonas e alamares.

O convívio com a sociedadede Soral e Fortaleza, com a qual mantinham constante intercâmbio, através de negócios comerciais ou de assuntos políticos, deu lhes a boa conversação e o refinamento na maneiras de trato.

O capitão Luduvico Pinto de Mesquita, da Casa d bom Jardim, dono de muitos latifúndios e muito gado, o seu filho, coronel João Antônio de Mesquita Mhalhães, chefe do Partido Liberal, senhor d rico solar do Pirajá, decujos faustos ainda tanto se fala, e depois deles os Coronéis Manuel Alves da Fonseca Rufino Magalhães, o Najor Euclides Lôbo, os Capitães João Domingos de Mesquita, João Pedro de Magalhães e Antonio Lopes Benevides, este com seu “pince-nez” de aros de ouro e sempre metido no linho branco,rigidamente emgmado e irrepreensivelmente limpo, contemporâneos todos, formavam o vasto elenco de oficiais a Guarda Nacional de Santa Quitéria, um dos maiores do Sertão.

 Somente eles constituam uma brigada que substituía os imaginários batalhões do seu honorífico comando militar.

Mas o seu comando efetivo era o dos negócios políticos da terra, e o excerviam suavemente, sem fortes atritos, sem lutas acirradas que dividissem o clã no torvelinho das intrigas e das retaliações irreparáveis.

Por isso mesmo o seu jugo era ameno e paternal, marcando a presença de uma liderança autêntica e respeitada.

Santa Quitér a velha cidade dos Pinto de Mesquiota, é hoje uma das mais progressistas de sertão do norte do ceará, com ginásio, escola normal, maternidade, posto de saúde, serviço de abastecimento água, urina de extração deóleos vegetais, centros diversionais e vias transportes.

Só o que não mudou foi o domínio que ali exercem os pintos de Mesquita.

Nenhum alienígena será capaz de arrebatar lhes o comando.

O partido do governo e o da oposição constituem grupos organizados e dirigidos pelos homens do clã.

De cima ou debaixo, continuam os Pinto deMesquita mandando e orientando.

Nem foi paraoutra coisa que um filho do Patriarca do Jucurutu Valho fundou aquela cidadezinha sertaneja.

Ela teria de guardar, pelo tempo a fora, no prolongamento da linha ancestral, o nome, a tradição e o comando do velho clã pastoril.